



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO**

REGIANE GRINALDA MACIEL



Belém
2017

REGIANE GRINALDA MACIEL

**ENTRE SANTOS E ENCANTADOS: A POÉTICA DE DUAS
IRMÃS-FILHAS DE SANTO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Licenciatura em Teatro da UFPA, como
exigência para a obtenção do título de Licenciada
em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira
Bezerra.

Belém
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Maciel, Regiane Grinalda

Entre santos e encantados: a poética de duas irmãs-filhas de santo/ Regiane Grinalda Maciel; orientador Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra. 2017.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Teatro, 2017.

1. Teatro - memórias. 2. Religiosidade. 3. Representação teatral. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.028



REGIANE GRINALDA MACIEL

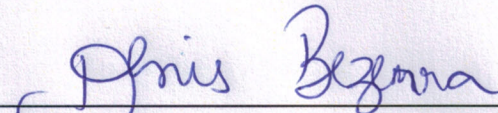
**ENTRE SANTOS E ENCANTADOS:
A Poética de Duas Irmãs-Filhas de Santo**

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Teatro, e aprovada em sua forma final pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

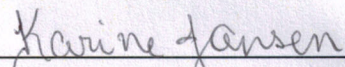
Belém, 23 de Junho de 2017.

Conceito: BOM

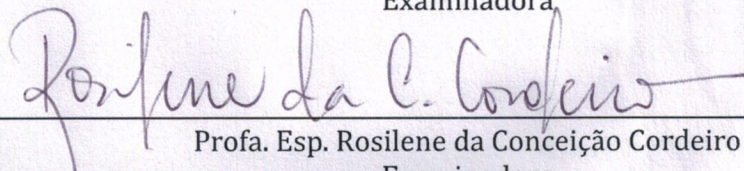
BANCA EXAMINADORA:



Prof Dr José Denis de Oliveira Bezerra
Orientador



Profa. Dra. Ana Karine Jansen de Amorim
Examinadora



Profa. Esp. Rosilene da Conceição Cordeiro
Examinadora

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos desde que mantida a referência autoral.

Assinatura: _____

Local e data: _____

REGIANE GRINALDA MACIEL

**ENTRE SANTOS E ENCANTADOS: A POÉTICA DE DUAS IRMÃS-
FILHAS DE SANTO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso Licenciatura em Teatro da UFPA, como
exigência para a obtenção do título de Licenciada
em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira
Bezerra.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra

Orientador

Prof.^a Dr.^a Ana Karine Jansen de Amorim

Examinadora

Prof.^a Esp. Rosilene da Conceição Cordeiro

Examinadora

À Renata e Rita.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço, primeiramente, à Deus, porque sempre colocou pessoas boas em meus caminhos, que me ajudaram a chegar até aqui.

Também aos Santos gêmeos, São Cosme e São Damião. Meu orixá de frente, Yansã, que sempre me ajudou muito a enfrentar diversas situações, com muita coragem e garra, quem é um verdadeiro filho de Yansã sabe como é ter que batalhar para vencer na vida. A todos meus orixás, meus guias espirituais, que me ajudam nessa jornada espiritual.

Agradeço à irmã Renata, que foi minha inspiração para meu trabalho; à minha mãe que aguentou muitas barras para criar a gente, orgulho de ser filha de Rita. Avó conceição, a pioneira da promessa de São Cosme e Damião. Toda a minha família por parte maternal.

Agora, realmente, preciso e devo agradecer ao meu orientador Denis Bezerra, meu amigo, meu irmão, uma relação construída na base de muito respeito e carinho, ele aprendeu a entender minhas limitações.

Não podia deixar de agradecer à banca examinadora, Karine Jansen e Rosilene Cordeiro. É uma honra ter duas mulheres de grande personalidade e envolvimento no que fazem, seja no que for, em qualquer tipo de trabalho, que elas venham executar.

Agradeço à turma de Licenciatura em Teatro de 2013, que não foi a turma que comecei, mas foi a que me acolheu, me respeitou, são pessoas que incentivam até onde eles podem, porque o resto é a gente que tem que seguir sozinha.

Agradeço a todos que se consideram meus amigos e colegas.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo desenvolver uma pesquisa que valorize as memórias de duas irmãs, pautadas em suas histórias de vida, Renata e Regiane Grinalda Maciel. Parte de uma experiência com a vida de minha irmã, que desde seu nascimento traz uma história intercortada por vários “destinos”, e conduzida pelo amor, materializado em dedicação, promessa, fé, ritos. Para a realização desse trabalho, procuramos dialogar com os estudos da memória, da oralidade e do teatro, em seus diálogos e aproximações. A abordagem teórico-metodológica pautou-se nos estudos da memória, a partir de autores como Le Goff (2003), Bezerra (2013), Thompson (1992); e nos estudos da performance, Shechener (2006), Rangel (2009). O curso de Licenciatura em Teatro proporciona espaços para pesquisas como esta, ao possibilitar que nossa história de vida, tão importante quanto outros assuntos, seja estudada. Portanto, abre horizontes para pesquisas que valorizem as memórias individuais e coletivas dos sujeitos inseridos em nossa sociedade em diálogo com alguns campos de investigação na área das artes cênicas, como os estudos da performance, abordado neste trabalho.

Palavra-chave: Memória. História de vida. Religiosidade. Performance.

ABSTRACT

This Course Completion Work aims to develop a research that values the memories of two sisters, based on their life stories, Renata and Regiane Grinalda Maciel. Part of an experience with the life of my sister, who from her birth brings a story intercutada by several "destinies", and driven by love, materialized in dedication, promise, faith, rites. In order to carry out this work, we seek to dialogue with the studies of memory, orality and theater, in their dialogues and approaches. The theoretical-methodological approach was based on memory studies, based on authors such as Le Goff (2003), Bezerra (2013), Thompson (1992); And performance studies, Shechener (2006), Rangel (2009). The Theater Degree course provides spaces for research like this, by enabling our life history, as important as other subjects, to be studied. Therefore, it opens horizons for research that values the individual and collective memories of the subjects inserted in our society in dialogue with some fields of investigation in the area of the scenic arts, as the studies of the performance, approached in this work.

Keyword: Memory. Life's history. Religiosity. Performance.

LISTA DE IMAGENS

	Pág.
IMAGEM 01. Cena na Sala 05 (Renata e Regiane).	10
IMAGEM 02. Maria Conceição, Rita Maria, Renata e Regiane distribuindo bombons.	19
IMAGEM 03. Grupo de pessoas que fazem fila para receber o bombom.	20
IMAGEM 04. Renata distribuindo bombons (2016).	20
IMAGEM 05. Separação de cada qualidade de bombom em bacias e baldes (2016).	21
IMAGEM 06. Finalizando o trabalho de encher os saquinhos de bombons (2016).	21
IMAGEM 07. - Cabocla Iracema.	24
IMAGEM 08. Erê Aninha.	25
IMAGEM 09. Desenho feito por mim (Regiane Maciel).	29
IMAGEM 10. Cantando o ponto de Erê (2017).	30
IMAGEM 11. O caminho para chegar no quintal.	33
IMAGEM 12. O quintal.	33
IMAGEM 13. As irmãs inseparáveis Regiane e Renata.	34
IMAGEM 14. Nossa casinha imaginária.	35
IMAGEM 15. Brincadeira de roda com ponto de Ere.	36
IMAGEM 16. Renata vestida de filha de santo.	36
IMAGEM 17. O trio, um laço de amor Regiane, Renata e Rita.	37
IMAGEM 18. - Materiais para o ponto de Preto Velho e Erê.	37
IMAGEM19. Ponto de Preto Velho e Erê.	38

SUMÁRIO		Pág.
Introdução		10
1. A Renata Renascida		13
1.1. Revelação no Terreiro e sua ligação com São Cosme e São Damião		15
1.2- A festa de São Cosme e São Damião (promessa)		18
2. O Terreiro de Rosinha e Dona Herondina		23
2.1. Como é esse corpo incorporado?		26
3. Processo criativo		29
3.1. A experiência na disciplina Visualidade		30
3.2. Performance no quintal		34
Considerações Finais		40
Referências		41
Anexos		43

Por quê os santos São Cosme e São Damião têm um significado enorme para mim? Porque se trata de uma questão que envolve a pessoa mais preciosa que tenho, minha irmã, desculpe minha mãe por isso, mas a Renata é o meu “xodó”, e esses Santos foram a esperança da melhora da saúde dela. E como Eles também têm uma grande importância no sentido de festa cultural popular, na qual vários promesseiros fazem sua festa para a promoção da alegria das crianças e ainda aproveitam para pagar suas promessas como é o caso da minha família.

A relação do “culto” a esses Santos com a minha família estabeleceu-se com os problemas de saúde de minha irmã Renata, em sua infância. A partir de minhas memórias, quando criança, entre 4 a 7 anos, minha mãe adorava me vestir igual a minha irmã. Como nós éramos da mesma estatura e do mesmo tipo físico, até tinha gente que se arriscava em dizer que éramos gêmeas. Achava estranho, porque eu, sendo mais escura; e minha irmã; clara. Mas, apesar disso, ainda sim pensavam isso. Minha irmã e eu nascemos no mesmo dia 08, mas em meses e anos distintos, ela tem dois anos de diferença na minha frente, no caso sou a caçula, mas esse título deixei para ela. Daí pode ser coincidência ou mesmo uma mera comparação com os santos gêmeos.



Figura 01: Cena na sala 05.
Fonte: Daniela Alencar (2017)

A imagem de duas irmãs vai ser o centro de tudo, o pilar desse meu Trabalho de Conclusão de Curso, que busca contar essa história de vida, dessa luta diária pela vida, esse ultrapassar de obstáculos, no intuito de vencer a morte, apelando para Deus e acreditando que

a Fé nos santos Cosme e Damião possa vir a contribuir para amenizar essas atribulações, na questão da saúde, pois eles são os Santos que fizeram muitos milagres de cura.

Vamos seguindo para o início da história. Depois dos meus 7 anos de idade, lembro que minha irmã ia muito ao posto de saúde, sempre passando mal, mas ninguém me contava do que se tratava, acho que na época nem minha mãe sabia. Ela só vivia trabalhando, até que minha irmã teve uma crise epilética inconsciente e foi levada, novamente, para o posto de saúde e ficou por algumas horas desacordada. Mamãe estava desesperada, e depois que tudo se acalmou, os médicos disseram para ela que Renata devia fazer um acompanhamento médico. A princípio, minha avó se propôs a levar minha irmã, mesmo não querendo, mas mamãe realmente viu a necessidade de largar o emprego, porque a Renata precisava de uma atenção maior.

Minha família não entendia de nada, minha irmã nunca tinha passado sequer por um neurologista, e até com 11 anos ela ainda não recebia benefício nenhum do governo, porque nem isso a minha família conhecia, que era o direito de uma pessoa com necessidade especial (PNE), receber uma ajuda, um amparo social do governo, o dito benefício (trata-se de um auxílio mensal de um salário, não chega a ser igual à uma aposentadoria).

Sempre foi muito estranho as crises epiléticas da minha irmã, pois ela tomava o remédio prescrito pelo clínico geral e não surtava nenhum resultado positivo, pelo contrário, só aumentava as doses e ela só piorava. Acredito que isso acontecia porque o tratamento não era feito por um especialista, que no caso era um neurologista, mas como minha família não tinha o conhecimento de nada e nem procuravam saber, Renata ia vivendo como podia. Nesse momento, a Fé alimentou as esperanças, porque é uma coisa que minha avó e minha mãe têm. Assim, minha avó teve a ideia de fazer uma promessa a São Cosme e São Damião.

Tudo aconteceu quando minha avó estava trabalhando em uma firma, chamada IPECEA, e tinha uma colega de trabalho, Raimunda Vasconcelos. Essa senhora, toda época de setembro, chegava com um saquinho de bombom para a filha caçula da vovó, minha tia Roberta, minha vó sempre aceitava, mas um dia ela teve a curiosidade de perguntar do que se tratava aquela promessa da Raimunda, que lhe respondeu ser dos Santos Cosme e Damião. Eles haviam curado uma filha dela de uma grave doença e todos anos, até o final de sua vida, daria sete saquinhos de bombons para sete crianças em homenagem aos santos por sua graça alcançada.

Então, como minha vó sempre teve devoção e fé a vários santos, não custava ela ser devota de mais esses. E, desde desse dia, passou a realizar a festa de São Cosme e São Damião na sua casa. Começou com poucos saquinhos de bombons e foi aumentando conforme dava para ela comprar, porque a promessa era dar quantos saquinhos de bombons

ela pudesse, e enquanto ela tivesse vida para cumpri-la. Só sei que, realmente, por um milagre minha irmã foi melhorando, porque, como eu já havia dito, minha irmã não tinha um tratamento adequado, nem se quer tinha um laudo para dizer o que realmente era o tipo de problema neurológico que ela possuía. Os médicos só diziam que ela iria durar até os 15 anos e o que ela tinha era uma veia entupida no cérebro, na qual o sangue só respingava e o coração poderia parar a qualquer momento.

Fico indignada quando penso nessa resposta de toda essa negligência, porque não tínhamos dinheiro para fazer esse tratamento particular, quem sabe se soubéssemos logo que era falta de oxigênio no parto, teríamos uma chance de ter feito alguma cirurgia para corrigir o que fosse preciso, quem sabe ela estaria sem nenhum problema neurológico agora.

Mas, depois que cresci, ajudei minha mãe a lutar para que minha irmã tivesse um tratamento mais digno. E hoje, mesmo sendo pelo SUS, ela tem todo um acompanhamento médico que precisa, e graças aos santos Cosme e Damião ela está bem e agora fazendo um tratamento adequado. Essa promessa se estendeu tanto, que agora, além da minha avó, a minha mãe também oferece as guloseimas; e de uns anos para cá eu também estou ajudando a realizar a entrega dos doces para as crianças.

Dessa maneira, este trabalho de pesquisa percorrerá caminhos que se inicia pelo nascimento da Renata, a dificuldade que ela teve para enfrentar essa luta pela vida. Dedico o primeiro capítulo para falar da vida de Renata e seu processo até o descobrir suas essências na religião da Umbanda, que começa com a doença, a qual a família faz interferência religiosa, frisando em uma promessa católica até a chegada à Umbanda.

No segundo capítulo falo do meu processo de iniciação à Umbanda, atravessamento esse oportunizado por essa pesquisa. No terceiro e último capítulo, falo de dois processos criativos, o primeiro foi uma cena na sala 05 na ETDUFPA, como uma experimentação na disciplina Visualidade com a professora Adriana Cruz; o segundo foi no quintal da minha casa. São processos que contam a história que transcrevo neste trabalho, contada de uma maneira poetizada, mostrando no mais sutil detalhe a união e o amor de uma família que se resume a três pessoas Renata, Rita e Regiane.

1. Renata: A renascida.

Era uma época difícil, quando minha mãe Rita Maria, aos 18 anos, ainda muito jovem, teve sua primeira gravidez, foi um choque para a família. Minha avó Maria Conceição ficou indignada com o fato, porque parecia que minha mãe tinha sido a primeira a errar no mundo, sendo que isso só ela achava um erro, tudo porque Rita não era casada, ainda só namorava com o meu pai Sergio Nazareno.

Passados os nove meses, nasce, no dia 08 de junho de 1984, precisamente as 06:30 da manhã, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, em Belém-PA, uma menina muito especial, chamada Renata Grinalda Maciel. Que parto! Minha mãe conta que foi quase um milagre as duas terem sobrevivido. Renata já tinha passado da hora de nascer, os médicos se recusavam a fazer uma cirurgia cesariana, e enquanto isso minha mãe passava muito mal.

No caso da Rita, segundo os médicos, ela não tinha os centímetros necessários para a passagem da criança, e já tinha perdido muito líquido, por isso, tiveram que recorrer a alguns procedimentos mais bruscos. Minha mãe não tinha mais força para impulsionar a saída da criança, que forçadamente puxada pelo médico, saiu completamente roxa e fora direto para o oxigênio e permaneceu por tempo na incubadora.

Minha mãe, muito debilitada, viu sua filha só por uns instantes, porque ela ficou sendo acudida também, quase as duas morrem, mas graças a Deus, elas estão vivas para eu contar essa história. Desde o parto, Renata luta pela vida a todo momento e sempre tem um obstáculo novo que precisamos vencer.

Nos primeiros anos de vida, Renata se diferenciava das outras crianças, mas minha família não tinha conhecimento e nem estrutura financeira, para entender o porquê que ela demorou andar, falar, às vezes penso que naquele tempo isso fazia parte dos segredos de família, que não queria admitir que minha irmã tinha problemas neurológicos. Por não saber do que se tratava, falavam que crianças deficientes eram “doidas” e usavam esse termo horrível, “mongoloides”; era criança, mas ouvi isso com clareza.

Mas o tempo foi passando e a saúde da minha irmã ficando mais abalada. Penso que minha família imaginava que com o tempo ela ia andar direito, falar direito, eles pensavam que era só um atraso no crescimento, mas que tudo ia ficar bem. “Quem dera!”.

Mamãe foi percebendo, que mais ou menos aos quatro anos de idade, Renata não tinha apenas só um atraso de crescimento, era algo mais sério, que precisava ser olhado com cuidado. Mas, devido não ter ninguém para orientá-la nesse sentido, ficou um pouco difícil e ela também precisava trabalhar, para sustentar suas duas filhas. Nessa batalha, Rita estava sozinha, ela não estava com o meu pai, ele só ficou com a minha mãe por uns três anos e

simplesmente nos abandonou, mesmo sabendo que tinha uma das filhas com necessidade especial.

Depois de uns anos que minha mãe foi descobrir que minha irmã tinha o direito a um Benefício do governo, e nossa situação financeira melhorou um pouco. Minha mãe passou uns maus bocados por optar em ter nós duas, mas ela sempre dizia: “um dia vocês crescem e tudo vai melhorar”.

Renata e eu (Regiane), ficávamos aos cuidados de tia, avó, até mesmo de outras pessoas que mamãe pagava. Nesse meio tempo, minha irmã não tinha muito equilíbrio para andar, ela vivia caindo e se machucava, minha mãe chegava do serviço e ainda tinha que levar Renata para o pronto socorro, porque ninguém ia. Em uma dessas situações, teve uma vez, que o braço da minha irmã saiu do lugar; ela estava com dor, minha mãe perguntava o que tinha acontecido e ninguém falava nada, só quando Renata foi levada ao pronto socorro, que se descobriu que ela tinha deslocado o braço, e muitas e muitas outras coisas, que não dava certo ninguém cuidar da gente. Motivo pelo qual , minha mãe precisou sair do emprego para poder cuidar da gente.

Ainda teve um momento que minha irmã apresentou uma crise horrível de epilepsia, ficou por várias horas desacordada, e foi dessa situação que explicaram, para minha mãe, que ela tinha que fazer um acompanhamento sério de saúde para a Renata. Lá nessa unidade de saúde da Pratinha, ficou até conhecido como “o caso Renata”, por causa do tanto de vezes que essa menina ia para lá, passando mal, os médicos prestando assistência para ela até onde eles sabiam.

Os profissionais dessa unidade de saúde da Pratinha orientaram minha mãe e marcaram uma consulta para Renata, para o clínico geral. E foi, nessa consulta, que o médico encaminhou minha irmã para vários “exames de cabeça”(ressonância magnética), era essa expressão que eles utilizavam, encaminhou também para um especialista, no caso um neurologista. Esse dito especialista afirmou que ela só ia sobreviver até aos 15 anos, porque na hora do parto o cérebro foi muito afetado.

Simplesmente este neurologista disse que tratamento adequado tinha, mas era caro e só nos EUA. Hoje ainda continua sendo, e por mais que a minha família tivesse esse dinheiro, minha irmã teria que passar por um grande risco de vida e minha mãe teria duas opções: a de operar e perder a filha; ou deixar como estava e ter sua filha até os 15 anos.

É obvio que minha mãe ficou com a segunda opção, mas Renata continuava apresentando crises, os remédios não faziam mais efeito. E a cada crise, ela ficava toda pálida e os dedos

roxos e o corpo duro, o coração dela parava por questões de segundos e minha mãe e eu (Regiane) ficávamos chorando em cima dela, pedindo pelo amor de Deus para ela voltar.

Nós pensávamos que toda vez que acontecia isso era a hora dela ir, porque além dessas crises, existe uma veia na cabeça dela que só respinga o sangue, e não é como a nossa veia, que flui o sangue normal, é uma interligada ao coração, uma coisa assim. Até hoje não compreendo essas teses desses médicos, que querem falar qualquer coisa e a gente tem que engolir. Eu só sei que toda vez que acontecia isso, era como se ela tivesse morrido, mas toda vez, Deus tinha piedade da gente e via o sofrimento e não deixava ela ir.

1.1. Revelação no terreiro e sua ligação com São Cosme e São Damião.

Esta homenagem aos santos católicos, São Cosme e São Damião, que são considerados crianças, de uma certa forma tem essa ligação com a Umbanda, fazendo um sincretismo religioso com os Erês (caboclos crianças). Nesse sentido, minha mãe foi procurar um terreiro de Umbanda, para compreender algumas situações que vinham se estendendo com minha irmã e a origem do problema de saúde dela poderia ser uma questão espiritual.

Então Rita não hesitou em procurar ajuda em um terreiro de Umbanda. Ao chegar neste local, minha mãe consegue conversar com uma senhora que se intitulava de mãe de santo. Essa mesma, estando sentada, incorpora uma entidade e fica fumando um cachimbo dizendo que a Renata tem o problema dos dois homens de branco, um que seria o médico e o outro que seria o chamado de Preto Velho, pois ela seria filha de santo e ele estava “nas costas dela”. Segundo a líder espiritual, ela não estaria aguentando essa entidade, e, para amenizar essa situação, o Preto Velho (entidade) seria preso por um tempo e ela ficaria na companhia do Joãozinho, um caboclo Erê. E, a partir daquele momento, ficaria muito bem acompanhada na companhia de crianças.

Também destacou a possibilidade da Renata se tornar uma encantada e era por isso a causa de todas essas atribulações. Explicou, principalmente, as questões de sumiços da Renata. Minha irmã e eu brincávamos no quintal com muita frequência, mas, de repente, ela se perdia da minha vista. Chamava mamãe e ficávamos procurando-a, mas era coisa de segundos. Depois acabava encontrando-a, era como uma brincadeira de mau gosto, que os caboclos faziam com a gente. Outras vezes, Renata sofria com cortes no pé, quando a levávamos para área de águas, porque nós íamos para um lago, que tinha perto de casa para tomar banho nos finais de semana. A mãe de santo explicou que tudo isso que acontecia era para evitar que ela chegasse perto das águas para não ser encantada e levada pelos caboclos.

Houve, também, uma vez que Renata tinha caído dentro de um poço já seco, que só tinha folhas, entulhos dentro dele e talvez até sapo. Nós já tínhamos procurado Renata em todos os lugares, até já havíamos passado por perto desse poço, mas ninguém imaginava que ela podia estar ali. Mamãe já desesperada ficou gritando o nome dela, ela respondeu; mãe! E imediatamente trouxeram uma escada e a resgataram. Na verdade, foi um rapaz que à tirou de lá, ele ficou com vários arranhões e Renata não teve nem um ferimento, só estava muito assustada. Essa também foi mais uma tentativa dos caboclos para encantar minha irmã.

Os caboclos queriam levá-la para o fundo do mar, para encantá-la. E nunca mais minha mãe iria vê-la. Só se minha mãe fosse a um terreiro, iria encontrá-la com um chocalho na mão, mas como espírito, incorporada em um corpo, que não era o dela, ou seja, ela ia se perder para sempre. A sorte, segundo a mãe de santo, era porque minha irmã era batizada na igreja católica e os ditos caboclos não conseguiam levá-la e acabavam por soltá-la pelo caminho.

Como a mãe de santo dizia que o problema era dos dois homens de branco: o primeiro, o caboclo, que não deixava minha irmã sossegada, queria encantá-la e ela precisava se cuidar espiritualmente; o outro era o médico, devido ao caso das crises epiléticas da minha irmã, que era muito estranho. Ela tomava o remédio prescrito pelo clínico geral e não surtava nenhum resultado positivo, pelo contrário, só aumentava as doses de remédio e ela só piorava.

Acredito que isso acontecia porque o tratamento não era feito por um especialista, que no caso deveria ser por um neurologista, devido, nesse tempo, um neurologista ser muito difícil de se conseguir pelo SUS e ela tinha ido se consultar com esse especialista neurológico apenas uma vez, contudo era preciso ir outras vezes, para saber se o remédio tinha um efeito positivo, a respeito do tratamento. Mas, como minha família não tinha o conhecimento de nada e nem procuravam saber, Renata ia vivendo como podia, pelo menos Fé é uma coisa que minha avó e minha mãe têm, e um dia vovó teve a ideia de fazer uma promessa a São Cosme e São Damião, como foi exposto anteriormente.

Fico indignada quando penso na resposta dos médicos, de toda essa negligência, porque não tínhamos dinheiro para fazer esse tratamento particular, quem sabe se soubéssemos logo que era falta de oxigênio no parto, teríamos uma chance de ter feito alguma cirurgia, algum tratamento para corrigir o que fosse preciso. Quem sabe ela estaria sem nenhum problema neurológico agora.

Atualmente, nós conseguimos um tratamento digno, porém até onde um hospital público pode oferecer, mas o ditado da minha mãe foi certo: quando a gente crescesse tudo ia

melhorar, porque, agora, também cuido da minha irmã e ela é como se fosse uma filha para mim, e tudo o que puder fazer por ela, vou fazer.

Graças a São Cosme e São Damião ela está bem e agora fazendo um tratamento adequado. Essa promessa se estendeu tanto que, hoje, além da minha avó, minha mãe também oferece as guloseimas, e de uns anos para cá também estou colaborando para realização da entrega das guloseimas para as crianças.

Esse movimento de busca das memórias de minha família, atravessadas pela história de minha irmã, foi possível com a aproximação com os estudos da memória. Isso porque a memória tem como funcionalidade guardar informações, permitindo ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Enquanto existir história, concomitantemente, vão existir muitas memórias. Como afirma Bezerra (2013, p. 119), ao estudar as memórias do teatro paraense: “o registro da memória dessa produção cênica torna-se importante para que as tradições e os costumes perpassem o tempo, quebrem as barreiras impostas pelo esquecimento”.

A história da promessa de São Cosme e São Damião parte de uma memória coletiva, que se comprimiu em uma memória individual, lembrada pela minha família. Através da oralidade e, também, da memória audiovisual, (momento que faço uma gravação de vídeo, e registro imagens), ocorre a ativação das minhas lembranças, com o potencial de ser lembrado, dando possibilidades de recriação, de reviver, por meio de atos performativos, por meio da linguagem. Porque, como afirma Le Goff (1990, p.225): “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e comtemplamos as futuras, graças as suas semelhanças com a passadas”.

A memória é um alicerce do meu trabalho, e é através do conteúdo da memória oral, e das imagens que são geradas e lembradas que se tornam possível todos os processos criativos que foram construídos ao longo dessa pesquisa. As lembranças mostraram o caminho que eu devia seguir, até o momento em que pudesse materializar o pensado, o rememorado, aproveitando toda a sua potencialidade na cena teatral e na performance. Sobre as funções que a memória exerce, os seus efeitos sociais, Le Goff (1990, p.424-25) destaca:

Alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais. Assim, Pierre Janet considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” [Flores, 1972, p.12]. Aqui intervém a “linguagem, ela própria produto da sociedade” (ibid.). Deste modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-

organizadores, aproxima “linguagens e memórias”; “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória”.

A aproximação com os estudos da memória também ajudou na retomada, ou despertar de uma identidade religiosa. Era como se sempre estivesse presente, mas que os integrantes da família faziam questão de esquecer. Por exemplo, o caso da minha avó, que gostava das doutrinas da Umbanda, e, simplesmente, depois não fez questão de lembrar ou quis silenciar, o que gerou uma camuflagem através da religião católica. Mas, quando é relatado as origens do caboclo Nego Gerson, a memória surge como uma retomada de raiz, de essência à qual não devemos fugir e sim nos orgulhar do que cabe a nós como missão, que carregamos para a nossa existência, porque:

As experiências de vida dão suporte para se construir uma análise de fatos ocorridos em um passado não muito distante, silenciados pelo tempo, e possibilitam, de forma comparativa, estabelecer um diálogo entre as vozes que compuseram a cena teatral na cidade de Belém; é o momento de ouvir as que ainda não foram escutadas. (BEZERRA, 2013, p.41).

1.2. A festa de São Cosme e São Damião (promessa).

Realizada pela minha família, todos os anos, no dia 27 de setembro, é organizada por minha avó, Maria Conceição; minha mãe, Rita Maria; eu, Regiane Maciel; e por minha irmã Renata, motivo da promessa acontecer.

Por isso, a metodologia da História Oral possibilita ao pesquisador viver esse passado no momento de narração, é o encontro do presente, da vida latente, com as lembranças, com as reminiscências. Quando acontecem as entrevistas muitas coisas surgem, fatos novos, muitas indagações, pois “em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação” (THOMPSON apud BEZERRA, 2013, p.47).



Foto 02 - Maria Conceição, Rita Maria, Renata e Regiane distribuindo bombons.
Fonte: Axiel Alafe (2016).

A promessa é realizada na casa da minha avó, localizada na Rua Presidente Castelo Branco, bairro do Tapanã, periferia de Belém. A distribuição das guloseimas é destinada às crianças e até mesmo para adultos que aparecem por lá. Contudo, na tradição da festa de São Cosme e São Damião, de maneira geral, percebe-se que o pagamento de promessas (agradecimento aos santos por uma graça alcançada) se realiza por meio da distribuição de outras variedades alimentícias, como aponta Santos (2003, p.39):

A devoção a São Cosme e São Damião, trazida para o Brasil pelos portugueses, assumiu proporções sincréticas ao se imbricar com o culto aos Ibejis, herdado dos povos Banto, Jeje, Kêtu, Nagô, e Iorubá. Assim sendo, a celebração dos orixás-crianças (Ibejís) proveniente da tradição africana Iorubá, elevou-os Ibejís, ao longo de sucessivos sincretismos com os santos católicos, São Cosme e São Damião, à condição de orixás fundamentais de uma das maiores tradições afro-religiosas vivas, da Bahia: o Candomblé. Mas os orixás gêmeos não são celebrados apenas na Bahia, sendo, também, festejados em Belém e em outras regiões do Brasil, no dia 27 de setembro (mesma data católica), em festividades específicas do Candomblé, do Tambor de Mina e da Umbanda. Os santos gêmeos possuem muitos simpatizantes e devotos, tanto nas religiões de matriz africana como na religião católica; destes, muitos realizam, anualmente, o Caruru, também chamado, na Bahia, de “Caruru dos Santos” e/ou “Caruru dos Sete Meninos”, numa alusão sincrética aos sete santos católicos Cosme, Damião, Douí, Alabá, Crispim, Crispiniano e Talabi; e, em Belém, de “Festa de São Cosme e São Damião”.

A partir disso, destaca-se que em Belém do Pará Sempre tem um grupo de crianças que se reuni e saem pelas ruas procurando bombons, nessa época de setembro. O incrível que

nem precisa anunciar que na nossa casa distribuimos bombons de São Cosme e São Damião, porque uma criança avisa para outra e vai surgindo tanta gente, que vem até de outras ruas, só para participar do evento.



Foto 03 - Grupo de pessoas que fazem fila para receber o bombom.
Fonte: Regiane Maciel(2016).

Muitas promessas se fazem dando brinquedos, comida, bolo com refrigerante, mas a nossa, em específico, é o tradicional e o preferido da garotada: é o bombom, mas tem sequilhos, pipocas e geladinhos.



Foto 04 - Renata distribuindo bombons (2016).
Fonte: Regiane Maciel.

Os bastidores da festa é o mais legal, sempre minha avó vai comprar os bombons uns três dias antes da festa, e os guarda tudo no quarto dela. Quando chega o dia 27 de setembro, pela manhã bem cedo, convoca a família para ajudar a encher os saquinhos de bombons.



Foto 05 - Separação de cada qualidade de bombom em bacias e baldes (2016).
Fonte: Regiane Maciel.



Foto 06 - Finalizando o trabalho de encher os saquinhos de bombons (2016).
Fonte: Regiane Maciel.

Tenho muito orgulho, da minha família homenagear esses santos São Cosme e São Damião, e acreditar no poder de cura que eles possuem, sem deixar de perder as esperanças prosseguindo com fé e amor, acreditando que a Renata possa ficar por muito tempo ao nosso lado.

2. O Terreiro de Rosinha e Dona Herondina.

Atualmente Renata, eu e minha mãe, frequentamos, esse terreiro que fica localizado no conjunto Benjamim Sodré, na rua Azulão. Sua Gira acontece todos os sábados, a partir das 18:00 da noite. Comecei a ir no intuito de saber mais sobre a Umbanda, as entidades, Preto Velho, Erês, que eram coisas que escutava quando criança, mas ninguém queria falar sobre o assunto. Foi lá que fui sentir a pesquisa de campo.

No primeiro dia que fui nesse terreiro, o pai de santo Cledilson da Silva Castro (Cley de Iansã), incorporado pela dona Mulambo¹, disse que eu era pura filha de Iansã, falou da minha irmã sem nem saber da história, disse que ela precisava vir no terreiro fazer uma visita.

O pai de santo jogou os búzios para mim e a minha Orixá de frente deu Iansã; eu era médium assim como minha irmã. Como já relatei, ela carregava um Preto Velho, que foi preso por algum tempo por uma mãe de santo, pois ele estava muito pesado nas costas dela, e o melhor seria ficar na companhia de criança, com o Erê Joãozinho². Então, não foi surpresa saber sobre minha mediunidade, porque tinha um amigo espírita, que já tinha falado que eu era médium, mas o que não esperava era que fosse incorporar no terreiro. Sobre Preto Velho Saraceni (2007, p.95) descreve:

Em grande parte (mas não totalidade), os pretos velhos são de negros escravos que viveram durante o Brasil Colônia. Nesta época, em que os escravos sofriam humilhações e trabalhavam de sol a sol por um pedaço de pão, eles reagiam fugindo e formando quilombos, tirando a própria vida, ou até mesmo assassinando seus senhores e proprietários. A “macumba”, com seus batuques e danças, era um rito de protesto e liberdade. Após anos de sofrimento, a missão destes seres de luz ainda não estava cumprida. Não tem ódio pela humilhação que sofreram no passado; por isso hoje retornam, para evoluírem espiritualmente e auxiliarem, com extrema humildade e carinho, aqueles que buscam ajuda.

Descobri que espiritualidade é passado de uma pessoa para outra. No meu caso, minha avó tinha uma certa afinidade com um caboclo chamado Nego Gerson, desde quando morava em Fortaleza. Tinha um comércio, uma venda de bebidas e comidas, tipo um pequeno restaurante, quando via que o movimento de cliente estava fraco, acendia uma vela em um

¹ “Apesar do seu jeito, atrevo-me dizer “arrogante”, é uma Pombo-gira dona de muita seriedade e que gosta de tudo certo em seus devidos lugares. Pelas poucas vezes que vem cantando, gargalhando e dançarolando é confundida com Padilha e com cigana mas, dito por ela, ela vem de todos os caminhos. Cabaré seria apenas uma referência devido ao seu trajeto quando encarnada”. Disponível em: <http://acartomantepriscila.blogspot.com.br/2010/05/umbanda-e-candomblemaria-mulambo-rainha.html>

² “Criança da linha de São Cosme e São Damião: Sua imagem é a de um menino de cinco anos, muito esperto, amável e iluminado, calmo, sereno, as vezes peralta, mas muito consciente nas suas tarefas astrais, gosta muito de conversar e brincar. Apesar de ser criança é de uma sabedoria incrível, conhecedor da alta magia, mistura a ingenuidade, a inocência, o carisma, a sinceridade e o amor de uma criança com os segredos do universo e as forças que o regem para aplicar passes que curam, confortam, acalmam, protegem, revigoram as energias vitais, atua no psiquismo e no equilíbrio num todo. Tudo isto com um toque angelical cativante de uma criança”. Disponível em: <http://jmh.xpg.uol.com.br/ERE-JOAOZINHO.html>

pires com açúcar e jogava um copo de cachaça para o caboclo Nego Gerson, e na mesma hora enchia de clientes para comprar.

Depois de um tempo, minha avó não quis mais se envolver com as entidades e nem gosta de tocar muito no assunto. Porém, sua espiritualidade passou para mim, e no jogo dos búzios foi revelado que Nego Gerson é o meu caboclo chefe³, e ele precisava de alguém da família da minha avó para vir baiar⁴ no terreiro, para dar passagem para esse caboclo considerado um Egun, um ser desencarnado que baixa nos terreiros para desmanchar trabalhos e feitiços, mostrando toda sua sabedoria.

Egun é a denominação que se dá aos espíritos desencarnados, ou seja, espíritos de pessoas que já morreram. Portanto, os eguns podem ser tanto os espíritos dos guias (ou entidades), que são os Caboclos, os Preto Velhos, as Crianças, as Ciganas, os Boiadeiros, os Malandros, os Exus e as Pomba Giras, como também os kiumbas (espírito de baixo astral). As entidades na umbanda têm como função trazer as mensagens, a vontade e a força dos Orixás, e assim de Deus, e são os espíritos que chamamos de guias e protetores. Isto quer dizer que estes espíritos deverão possuir uma vestimenta, uma roupagem fluídica para que possam se manifestar em terreiros⁵.

Nego Gerson baixou em mim algumas vezes, mas ele é muito pesado, não o consigo segurar muito tempo, até porque ainda estou em desenvolvimento, sou a chamada iniciante. Contudo, em contrapartida também tenho a cabocla Iracema, minha cabocla chefe; na gira baixa sempre e tenho uma Erê, Aninha⁶. Ela também tem vindo, é muito tola, chora se não tiver sua boneca; é um doce, me sinto muito feliz quando a recebo.

³“É o guia espiritual responsável por toda sua linha espiritual, que geralmente é um caboclo e ele é o comandante espiritual da sua linha determinado pelo orixá e pela sua missão em sua existência”.

Disponível em: <http://www.umbandadochico.com.br/blog/2015/02/14/como-sao-designados-nossos-mentores-espirituais/>

⁴ Dançar para as entidades.

⁵ Disponível em: umbanda-orixas.info/o-que-e-umbanda.html

⁶“As Aninhas são Erês que trabalham para apaziguar os ambientes onde atuam. Além de proteger, elas promovem o equilíbrio emocional e a tranquilidade”.

Disponível em: <https://umbandaempaz.blogspot.com.br/2012/09/aninha.html>



Foto 07 - Cabocla Iracema.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

Sobre caboclo, Saraceni (2007, p.89) relata sobre o processo de construção histórica com relação a essa linha na Umbanda. Destaca que suas raízes estão ligadas ao próprio processo de aculturação do branco sobre os povos indígenas, além de frisar a sua constituição no campo religioso.

Originalmente, a palavra Caboclo refere-se à miscigenação do homem branco com índio; porém na umbanda, o termo é usado para classificar todo tipo de civilização indígena habitante de qualquer parte do planeta. Habitantes das matas, os caboclos vêm com a força da natureza, cheios de humildade, sabedoria, forte postura, voz vibrante e elevação espiritual, com suas ervas medicinais que podem curar doenças físicas e espirituais. Em alguns cultos afro-brasileiros, os caboclos são considerados seres encantados, no qual se relacionam com os espíritos da natureza, como plantas, animais, etc.; isto deve-se a uma crença indígena em que humanos e animais se comunicavam entre si em plena harmonia e podiam se transformar um no outro. As giras de caboclos são muito alegres e lembram bem as festas nas aldeias. Trabalham como verdadeiros conselheiros e ensinam o homem a importância da coragem e o respeito que se deve ter com o próximo e com a natureza.



Foto 08 - Erê Aninha.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

Saraceni (2007, p.99) fala também sobre a presença dos espíritos crianças nas religiões de matrizes afros. Destaca suas características e alguns símbolos, como os doces.

Também chamadas de Ibejis ou Ibeijada, as crianças são a alegria contagiante da umbanda. São espíritos que, na última vida, desencarnaram ainda muito novos, mantendo assim as suas características, então eles brincam, aprontam, gostam que lhe contem histórias infantis e adoram doces e guloseimas, ou seja, agem como crianças. Muito respeitadas, elas representam a pureza e a inocência, porém não são tolas e identificam muito bem as falhas humanas, orientando e atuando em casos familiares e de gravidez, principalmente.

2.1. Como é esse corpo incorporado?

Quem é essa cabocla Iracema, que vem de tão longe para baixar aqui no terreiro de Belém do Pará, uma índia curandeira?

Quando vivencio o processo de incorporação, nas giras, sinto em meu corpo o peso de uma índia, uma mulher que já tem uma certa idade, mais ou menos uns 65 anos. Digo isso pelo peso nos pés, na coluna curvada, pelo jeito ranzinza e arredio, cismada, não fala, só gestos positivos ou negativos, com seu chocalho na mão, uma energia muito forte, meu coração acelera muito, calores, suor frio, quentura na mão, a cabeça até o tronco fica extremamente quente, fervendo.

Acredito que existe um trabalho sendo feito no meu corpo, o mais chato é quando não lembro de muita coisa do que fiz, porque essa cabocla toma meu corpo de um jeito, que parece que me sinto à parte daquele espaço. É como se estivesse de muito longe, ouvindo

vozes, mas impulsos não são mais meus, nem meu paladar, cada movimento que eu fizer, não é mais meu; são comandos involuntários, como a vibração da minha mão. Quando incorporo ela não para de sacudir, é como se já estivesse com o chocalho na mão, pois percebo que os movimentos param e depois começa a sacudir novamente, são sequências, coisas que meu corpo não vai mais me obedecer. Não são meus gestos, mas existem alguém trabalhando na minha cabeça.

Se formos pensar esse processo de incorporação em diálogo com os estudos da performance, podemos dizer que esses movimentos, esse desenho corporal que nossa matéria se movimenta, essa energia que toma conta de nós, por meio da presença das entidades, são signos que trazem em si uma forma, uma característica de cada ser de luz que se manifesta. Seria o que Shechner (2006, p.34) define como comportamentos restaurados.

Performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam [...] O comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes. O comportamento restaurado está “lá fora”, aparte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi”. Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contém meu “eu” não foram por “mim” inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser “além do que sou”, “não eu mesmo”, ou “dominado” em transe. O fato de que existem múltiplos “eus” em cada pessoa não é um sinal de distúrbio, mas simplesmente o jeito como as coisas são.

Na primeira vez que aconteceu, me assustei muito, porque o balançar da mão foi muito forte, é uma força muito grande. E, quando desincorporava, nos primeiros momentos, meu corpo não se sustentava e caía, e me machucava. Um exemplo que parece com uma incorporação, bem do cotidiano: vejamos um varal, onde penduramos roupas com pregadores, fica fixo e firme enquanto as roupas estão atreladas ao pregador.

A partir dessa descrição, busco assimilações com o processo da incorporação: quando tiramos os pregadores e estendemos a roupa somente na corda, a roupa fica fixa até o vento levar, ou seja, o desincorporar é como isso, a entidade fixa até certo momento e quando tiver que ir e se desvincular do teu corpo, vai cair ao vento e, provavelmente, nas primeiras incorporações acontece os tombos como a roupa que cai com o vento.

Qual a diferença entre “é” performance e “enquanto” performance? Certos eventos são performance e outros um pouco menos. Existem limites para o que “é” performance. Mas quase tudo que existe pode ser estudado “enquanto” performance.

Algo “é” performance quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso, a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso, e a tradição assim dizem. Não se pode determinar o que “é” performance sem antes se referir às circunstâncias culturais específicas. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforme numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance (SHECHENER, 2006, p.37).

Acredito que a incorporação venha a ser um resultado de um processo ritualístico, seguido de sequências de roteiros, onde primeiramente é feita uma corrente (onde os filhos de santos ficam divididos em duas fileiras). Feito os agradecimentos e orações, seguido de cantos de pontos, porta de entrada para a incorporação. Cada entidade tem seus pontos específicos. Entendo assim, pois após o cantar de tal ponto a energia se torna mais forte e penetrante, resultando em uma incorporação. Por exemplo, quando me concentro para a incorporação da cabocla Iracema, penso no seguinte ponto cantado:

Ponto Cantado de Iracema.

Cabocla de pena, é ela Iracema, cabocla formosa cheia de axé (2x).

Iracema, Iracema, cabocla de pena da tribo Tupinambá (2x).

Rompe Mato quando chega, pede logo sua mão, a cabocla Iracema vem chamando os seus irmãos, da tribo Tupinambá, da tribo dos Guarani, vem chamar todos os caboclos, para trabalhar aqui.

Iracema, Iracema, cabocla de pena da tribo Tupinambá (2x)⁷.

A Ere Aninha é uma encantada, ela tem vindo para me ajudar a evoluir espiritualmente. Percebo que o processo de conexão com ela, por meio da incorporação é leve, me sinto muito feliz, limpa a alma, porque é a pureza de uma criança, numa faixa de idade de 5 anos. Ela traz a doçura no olhar, a importância de valorizar coisas pequenas, porque para os Eres tudo é alegria, brincadeira, uma energia muito boa, sinto-me muito boba, faço muitas tolices, os reflexos são mais ativados, consegue sentir a presença de uma criança de longe. Um exemplo: estava bem na frente da corrente que fica os irmãos baiando, e, do nada, me deu vontade de correr e ir lá no fundo, e quem estava lá era uma criança comendo pipoca; incrível como atrai, são coisas quase que inexplicáveis. Aninha gosta muito de bombom e de sua boneca. Abaixo, um ponto cantado de Ere:

Papai me mande um balão, com todas as crianças que tem lá no céu (2x).

Tem doce papai, tem doce mamãe, tem doce lá no jardim (2x)⁸.

⁷ Ponto da cabocla Iracema, transcrito por mim a partir do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F9xg5pzyJXM>

⁸ Transcrição feita por mim a partir do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EkXgoqQ3KSM>

A minha incorporação do Nego Gerson foi na linha de Exu, quando baixei a obrigação para pomba-gira, foi uma surpresa, porque esperava ele na linha de caboclo. Porém, ele também existe na linha de feiticeiro, até hoje quando ele baixa, é na linha de Exu: sinto um corpo pesado, numa faixa de uns quarenta e cinco anos, malandro no sangue, sábio nas palavras, aperto de mão forte, gosta de vinho, seu fumo. A seguir, dois pontos cantados desse caboclo:

Ponto I:

Bate o tambor no Maranhão, o Gerson respondeu lá no Pará (2x).

É o hoje que eu quero ver o Nego Gerson trabalhar (2x).

Deselinha, deselinha, ele vai deslinhar

É hoje que eu quero ver o Nego Gerson trabalhar.

Deselinha, deselinha, Negro deselinhador é hoje que eu quero ver o Nego Gerson e o seu valor.

Deselinha aqui na terra, deselinha lá no mar, com o poder de Jesus Cristo e São José de Ribamar⁹.

Ponto II:

Ele é o nego Gerson, é o rei da magia, o que fazem de noite, ele desmancha de dia.

É negro do pé redondo, é só olhar a sua cor.

Cada fumaça que manda você vê o seu valor, cada fumaça que manda você vê o seu valor (2x).

Mas o que fazem de noite eu desmancho de dia, salve Gerson da alta magia.

Da tua casa pra minha, passa um riacho no meio, tu de lá dá um suspiro e eu de cá suspiro e meio, Mas o que fazem de noite eu desmancho de dia, salve Gerson da alta magia

No meu pé de Guabiraba eu bebo até de madrugada,

Mas o que fazem de noite eu desmancho de dia.

Salve Gerson da alta magia.

Papai, mamãe lhe chama meia noite na encruzilhada.

Saravá o nego Gerson, meia-noite na encruzilhada.

Ele é feiticeiro e assim me convém,

quem é filho de Gerson, não pode perder pra ninguém (2x)

Saravá mestre o Nego Gerson.

A partir do que foi exposto com minha experiência na incorporação, deixo claro a relação com a performance e essa relação com o corpo e o ritual que vem sendo desenvolvido na minha pesquisa.

⁹ Transcrição feita por mim a partir do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AfR8yY6sJxc&t=151s>

3. Processo Criativo.

3.1. A experiência na disciplina Visualidade.

Meu processo começou a ser construído com embasamento na leitura do texto da autora Sônia Rangel, do livro *Olho Desarmado* (2009). Foi muito inspirador porque ela fala de memória, imagem, jogo de cena e etc., todos os artifícios que precisei na cena que construí, como exercício da disciplina Exercício da Cena IV, ministrada pela professora Adriana Cruz¹⁰. Nela, parti de uma imagem que me remetesse ao trabalho com os santos Cosme e Damião, como uma aproximação proposta pela professora com a pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso.



Foto 09 - Desenho feito por mim.
Fonte: Regiane Maciel.

O objeto cênico foi inspirado no meu desenho das imagens de São Cosme e São Damião e, também, a partir das memórias de família, que todo ano, é feita a festa desses Santos, para pagar a promessa feita, para a melhora de saúde de minha irmã Renata, como exposto em sessão anterior desse trabalho.

Proponho a cena na qual ficam as duas irmãs (Renata e Regiane) no centro de um círculo, por isso a necessidade de ser espaço Arena, acompanhado de objetos que gostamos de brincar (bonecas, cestas, bombons, colcha, talvez balões), usados, também, como cenografia. A luz procurou dar preferência às tonalidades azul e rosa, sendo possível, caso não tivesse

¹⁰ Segundo ementa presente no Projeto Pedagógico de Curso/PPC da Licenciatura em Teatro, a disciplina Exercício da Cena IV – Visualidade consiste em: “compreensão dos elementos básicos da linguagem visual. A construção de textos visuais em diversas temporalidades. Compreensão e diálogo com as formas da natureza. Reflexões sobre os procedimentos de concepções da configuração e do texto visuais”.

esse recurso, o foco de luz âmbar no centro mesmo (espaço do círculo). Como recurso, utilizarei, também, de mídias, compondo a sonoplastia o ponto de Ere (entidade criança), em uma referência aos santos Cosme e Damião (ponto Tem doce papai), para casar com a distribuição de bombons.



Foto 10 - Cantando o ponto de Erê (2017).
Fonte: Daniela Alencar.

A relação com os pontos de Erê, que se refere à religião da Umbanda, foi uma proposta minha, porque ao decorrer dessa pesquisa, descobrir minhas raízes e o porquê dessa ligação com crianças, são Cosme e são Damião. Minha irmã é médium e tem um Ere de frente e sempre ela vai estar cercada de crianças, isso foi o que uma mãe de santo disse para minha mãe em um terreiro de Umbanda.

Quero ressaltar que minha parceria com a Selma Santos, minha colega de turma, foi de grande importância, e agradeço a delicadeza que ela tratou meu objeto cênico, mostrando suas habilidades, e seu ponto de vista no “olhar de quem ver”, a opinião dela conta muito.

Como corpus pensamento são apresentadas as ideias de “visibilidade” implicadas na pesquisa. Partindo inicialmente desse conceito em Calvino, somam-se a ele o jogo, a imagem e a memória, como elementos que constelam, permeiam e articulam a emergência das configurações e formatos materializados. o conceito de “visibilidade” em Calvino traduz-se como um princípio criador, onde “pensar por imagens” apresenta-se como o sistema mais eficiente de escolhas entre as formas infinitas do possível e do impossível. O conceito de “jogo como fundamento da cultura” inspira-se em Huizinga e Caillois e o conceito de “imagem como produtora de conhecimento” é considerado sob a ótica de Bachelard e Durand (RANGEL, 2009, p.96).

No trajeto do meu trabalho, a ideia de visualidade foi trabalhada em cima do objeto cênico, antes pensava que a imagem era algo que ilustrava, mas no decorrer dos estudos sobre

o assunto percebo que é muito mais, porque vai ser o objeto cênico que irá englobar tanto a imagem, o jogo e a memória em processo construtivo, para surgir o jogo de cena. Como afirma Rangel (2009, p.97):

No tocante a memória é importante ressaltar que não se trata de fazer comparações entre vida e obra visando a recomposição biográfica; se estes elementos vierem a se tornar visíveis será unicamente no sentido de formular um processo criativo para a construção de uma poética, na poesia ou na visualidade, no espaço plástico ou na encenação, ou seja, uma ficção.

No jogo de cena, a memória se tornou um grande indutor, que refletiu sobre as lembranças que estão envolvidas na dramaturgia; mas a imaginação é que vai prevalecer com criatividade para desenvolver este processo criativo. Ou seja, neste jogo de cena que se concretiza o campo das ideias com a imagem e a memória:

Para descrever o processo criativo e para promovê-lo, preciso apaziguar os personagens internos, organizando os seus diálogos. Os dois mais claramente construídos e visíveis, “o que faz” e “o que olha”, são plurais. Representam conjuntos de iniciativas e pulsões, contraditórias na maior parte do tempo. Representam também a pretendida unidade, imposta pelo desejo e pela necessidade de tornar a obra mais visível, em seus meandros de “vir a ser”, seus processos subjacentes de construção e urdidura interna, ao mesmo tempo em que as realizo (IDEM, p.99).

Vejo muito no meu processo criativo a questão do “que faz” e do “que olha”, porque realmente acho que foi de grande ajuda ter tido, como parceira de trabalho, a Selma Santos, devido a alguns detalhes sobre o jogo da cena, pois quem está de fora tem uma maior percepção. Isso porque percebem se os “links” estão interligados com a imagem, objeto cênico, dramaturgia, luz, espaço, sonoplastia e etc.; além de verificar se faltou algo ou ficou em excesso o que queríamos repassar como encenação para o público.

Nós optamos, como metodologia, a filmagem do ensaio final, para debatermos a respeito da cena. E como ela se configuraria nesse espaço, até mesmo uma forma de mostrar, os alcances poéticos que conseguimos e o que deveria, posteriormente, ser retirado, porque a própria imagem já fala por si só, servindo para refletir sobre o desenvolvimento do processo criativo. Como afirma Rangel (2009, p.109): “a fantasia é uma espécie de máquina eletrônica que leva em conta as combinações possíveis e escolhe as que obedecem a um fim, ou que simplesmente são as mais interessantes, agradáveis ou divertidas”.

Acredito que isso aconteceu no meu processo de construção da cena, porque não reproduzi uma memória, mas a transformei em uma nova obra geradora, porque privilegiei a imaginação e utilizei as partes que, no meu refletir, são mais alegres. Com isso, mostrei o

poder de descobrir e inventar através da imaginação, alcançando um novo olhar sobre a memória, que já estava formulada nas lembranças e que agora tem um caráter indutor diante da imagem que se concretiza no jogo de cena.

Como aparece o jogo e por que ele é importante? Como aparece a imagem, e por que ela é importante? Essas perguntas me induziram a encontrar noções de jogo, de imagem e de memória que, ao mesmo tempo, por se aproximarem do meu modo de operar a criação, potencializaram-no. Não são perguntas apenas para serem respondidas. São perguntas-passaporte que me levam a sondar os pensamentos de imagem e as imagens do pensamento em novas obras (IDEM, p.127).

O jogo proposto partiu através da imagem dos santos Cosme e Damião, no qual a memória foi ser o indutor, para reproduzir a imagem de duas crianças sobre um contexto de uma promessa realizada pela minha família, em que são homenageados esses santos citados. Parti das lembranças individuais (a história de minha irmã Renata), para, em cena, fazer um desdobramento dessa história, de maneira lúdica e divertida.

A definição do meu jogo na cena vejo como característica fundamental (segundo Caillois), a 3ª chamada de incerta, porque procurei fazer um jogo cênico, com minha irmã Renata, de maneira bem livre, e a qualquer momento, caso precisasse utilizar da improvisação. Nesse sentido, recorri a este recurso, pois Renata não está acostumada a ir para cena, mas pretendi arriscar, por fazer parte de uma experimentação para minha pesquisa.

3.2. Performance no quintal.

Quintal é lugar de memórias, onde a nossa imaginação não tem limites; nele, podíamos ser tudo que a gente quisesse; nosso espaço sagrado, sendo o lugar perfeito para executar a performance.



Foro 11 - O caminho para chegar no quintal.
Fonte: Denis Bezerra (2017).



Foto 12 - O quintal.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

No dia cinco de março, de 2017, foi realizado o que chamamos de ato performativo. Juntamente com meu orientador, Denis Bezerra, e Rosilene Cordeiro realizei um mergulho em minhas memórias. A orientação foi a seguinte: semanas antes, foi solicitado a mim a seleção de objetos que tivessem relação com minha pesquisa, a partir da história de vida de minha irmã; e dos atravessamentos com a religiosidade, Umbanda, da qual os envolvidos são praticantes.

Dessa maneira, na performance, a memória do espaço (quintal) influenciou muito, desde o figurino até aos materiais utilizados. Foi no quintal que Renata e eu fomos muito felizes, apesar das dificuldades, nunca deixamos de brincar e ser criança, é o que não acontece com muitas crianças que por aí são exploradas.



Foto 13 - As irmãs inseparáveis Regiane e Renata.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

Brincávamos muito de bonecas, casinha, piquenique, de roda; adorávamos cantar, brincar de areia, essa última era a melhor, sempre recebíamos bronca da mamãe, porque ela não queria que a gente se sujasse, impossível brincar sem se sujar. Apesar de ficarmos bastante tempo no quintal, nós sempre tínhamos o olho da mamãe por perto, nesse tempo ela já estava em casa e podia ficar conosco.



Foto 14 - Nossa casinha imaginária.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

Mas com Renata, quando estava brincando, sempre acontecia umas coisas diferentes, ela sumia e eu ficava procurando e saía correndo para chamar mamãe. Saíamos procurando por ela, depois Renata aparecia sem a gente esperar, era muito estranho, mas tudo foi explicado no terreiro: eram os caboclos que queriam encantá-la.

Diante de todo esse contexto, optei por fazer a performance no quintal, com minha irmã Renata, vestida de filha de santo, com as nossas bonecas. Defumava o espaço, fazia um ponto para o Preto Velho e para os Erês, para lembrar nossas brincadeiras de piquenique. Os tecidos espalhados pelo quintal nos lembravam quando brincávamos de casinha.

Houve ações de brincadeiras de rodas, e no lugar das cantigas de roda, optei pelo ponto de Erê (Tem doce papai); até envolvi minha mãe na performance, porque ela sempre esteve perto das nossas brincadeiras e participava sempre quando dava.



Foto 15 - Brincadeira de roda com ponto de Ere.
Fonte: Denis Bezerra (2017).



Foto 16- Renata vestida de filha de santo.
Fonte: Rosilene Cordeiro (2017).

Essa performance procurou mostrar muito essa relação de amor e união que tive com minha irmã, minha mãe, as duas pessoas que representam tudo na minha vida, todas as

batalhas que tivemos, todas as dificuldades que vencemos, diariamente, em nome de uma pessoa linda e especial, minha irmã Renata.



Foto 17 - O trio, um laço de amor Regiane, Renata e Rita.
Fonte: Rosilene Cordeiro (2017).

Também vejo essa interação com a descoberta da religião, Umbanda, não deixando de lado os santos católicos São Cosme e São Damião, que pela nossa fé, nos ajudaram muito em amenizar a situação da saúde de Renata. Essa performance teve como base teórica o comportamento restaurado do cotidiano, segundo explica o autor Richard Schechner (2003).



Foto 18 - Materiais para o ponto de Preto Velho e Erê.
Fonte: Denis Bezerra (2017).



Foto 19 - Ponto de Preto Velho e Erê.
Fonte: Denis Bezerra (2017).



Foto 20 - Defumador.
Fonte: Denis Bezerra (2017).

A performance no quintal cria uma linguagem poética explicada pelos movimentos do corpo no tempo e no espaço. As repetições destas formas específicas de agir situam os atores sociais no tempo e no espaço, detendo um grande poder de conhecimento ao expressar nossas emoções estruturando identidades individuais e de grupo.

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar [...] (SCHECHNER, 2003, p.02).

Performance é uma linguagem artística que se desenvolveu na Europa e nos Estados Unidos no pós-guerra, sendo uma prática conhecida como as vanguardas artísticas, aceita somente nos anos 1970. Era uma arte de ideias, um produto que não era comprável e vendável; estava em evidência, pois demonstrava ideias nas quais o corpo era a base para novas experimentações.

O corpo de quem executa a performance cria e experimenta, vindo de uma ideia simples e compartilhando com espaço o deslocamento dos signos e presente em seu habitual, desde os mais delicados até o mais incisivo são na realidade o deslocamento do corpo. “A performance no comportamento restaurado quer dizer que nunca pela primeira vez, sempre pela segunda e assim até a enésima: comportamento duas vezes vivenciado” (SCHECHNER, 2006, p.10).

A performance é uma configuração que desvia e provoca uma transgressão de quem ver, causando discussões; lança dúvidas e questionamentos sobre o corpo como um lugar expressivo, que pode ser experimentado, aquilo que cria uma zona que leva a confundir arte e vida. E feita sem subterfúgio e papéis fictícios, ou dos mecanismos narrativos, esse mergulhar no corpo performático, através de características como etnia, gênero, identidade, no qual o corpo fica exposto ao meio de expressão artísticas e estéticas.

Não se pode determinar o que é performance sem antes se referir às circunstâncias culturais específicas. Não existe nada inerente a uma ação pela mesma que a transforme numa performance ou que desqualifique de ser uma performance a partir da perspectiva do tipo de teoria da performance que proponho, toda ação é uma performance (SCHECHNER, 2006, p.12).

Quando se diz que toda ação é uma performance, é tentando justamente buscar desenvolver uma linguagem própria, incluindo outras linguagens, pois a arte da performance vai se caracterizar pela formação da nova vanguarda na metade do século XX. Nos dias atuais, “resgata” criações e ideias do início daquele século; apresentando-se de uma forma escorregadia, duvidosa, divergente, essas são uma das qualidades dessa linguagem, onde o hibridismo será muito bem colocado nessa linha de pesquisa dos estudos da performance.

Considerações Finais.

Finalizo minha pesquisa com a sensação de descoberta das minhas raízes, com o verdadeiro alicerce que utilizei, que são os estudos da memória, porque o caminho que eu seguisse, fosse pela cena teatral ou o campo da performance, tudo iria estar diretamente ligado à memória individual e coletiva da minha família. Isso realmente viabilizou uma história oral, que ganha a importância de uma história escrita, um registro, algo que será lembrado, toda vez que for lido por alguém, o orgulho de estudar teatro, resultando em um memorial de um pedaço da minha vida.

Esse papel de contar, narrar a história não é uma tarefa fácil, porque ao mesmo tempo o historiador tem que se afastar dos fatos para analisar com mais afinco os dados. “ Não obstante, continua sendo verdade que escrever qualquer outro tipo de história, a partir de fontes documentais, continua a ser tarefa muito difícil, que requer especial criatividade” (THOMPSON apud BEZERRA, 2013, p.46).

Essas memórias só vieram a contribuir e ampliar a criatividade, numa perspectiva de vivenciar os processos e estudá-los dentro de um olhar para a performance, não generalizando, mas focando no comportamento restaurado segundo Richard Shechner (2006) e podendo ir mais além, buscando na imagem, um desencadear de uma história, para a execução de uma cena baseando-se nos textos de Sônia Rangel (2009).

Mostrando que é possível transformar uma história que é baseado em fatos reais, em resultado de processos criativos, com cenas teatrais e performáticas, que serão mostrados através de imagens, destacando essa parte da trajetória de vida, de Renata e Regiane, também vai explicar esse atravessamento de religiosidades, que no decorrer das investigações, e coleta de dados foram sendo revelados , nós duas vamos ser o centro de tudo e de todas as explicações, e motivações para o presente trabalho, ressaltando que está sendo uma grande oportunidade, de eu (Regiane), poder homenagear a pessoa que mais amo nessa vida.

Referências.

SARACENI, Rubens. *Os arquétipos da Umbanda: as hierarquias espirituais*. São Paulo: Editora Madras, 2007.

SANTOS, Keila Andrea Cardoso. *Os Portais, o Baú, o Cavalo e o Farol: a espetacularidade na festa de São Cosme e São Damião no Terreiro de Mina Dois Irmãos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

SHECHNER, Richard, 2016. "What is performance?". In: *Performance studies: an introduction*. second edition. New York & Londres. Routledge, p. 28-51.

_____. *O que é performance?* In: O Percerção. Revista de teatro, crítica e estética. Ano 11. Nº 12, Departamento de Teoria do Teatro. Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO, 2003.

BEZERRA, José Denis de Oliveira. *Memórias Cênicas: poéticas teatrais na cidade de Belém (1957-1990)*. Belém: IAP, (2013).

Sites.

Blog A Cartomante Priscila.

<http://acartomantepriscila.blogspot.com.br/2010/05/umbanda-e-candomblemaria-mulambo-rainha.html>. Acessado em 07/06/2017.

Uol:

<http://jmh.xpg.uol.com.br/ERE-JOAOZINHO.html>. Acessado em 07/06/2017.

Umbanda do Chico.

<http://www.umbandadochico.com.br/blog/2015/02/14/como-sao-designados-nossos-entoes-espirituais/>. Acessado em: 07/06/2017.

Blog Umbanda em Paz.

<https://umbandaempaz.blogspot.com.br/2012/09/aninha.html>. Acessado em 07/06/2017.

Umbanda

<https://umbanda-orixas.info/o-que-e-umbanda.htm>. Acessado em 07/06/2017.

Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=F9xg5pzyJXM>. Acessado em 07/06/2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=EkXgoqQ3KSM>. Acessado em 07/06/2017.

<https://www.youtube.com/watch?v=AfR8yY6sJxc&t=151s>. Acessado em 07/06/2017.

ANEXOS

Anexo I - A festa de São Cosme e Damião na família Maciel.













Anexo II - As duas irmãs em cena.

















Anexo III - Quintal de nossas infâncias.



















